

O epitáfio paleocristão de *Martinus*, Vila Verde de Ficalho (Serpa)

Maria Manuela Alves Dias *

António M. Monge Soares **

Resumo

Dá-se a conhecer uma nova inscrição funerária paleocristã, encontrada *in situ*, no decurso de escavações em Vila Verde de Ficalho, concelho de Serpa. Além de ser uma notável peça epigráfica que documenta um novo cemitério com enterramentos do século VII, esta inscrição apresenta características paleográficas que não são vulgares na região.

Abstract

A new christian cemetery found at Vila Verde de Ficalho, Serpa, provided us with a remarkable dated epitaph (VIIth cent.) that exhibits some uncommon paleographic characteristics unknown in the epitaphs of the other surrounding christian cemeteries.

* Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa res. part.: Av. de Madrid, 24, 2.º, d.º P — 1000 LISBOA.

** Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial. Instituto de Ciências e Engenharia Nuclear. Departamento de Química. P — 2685 SACAVÉM.

O epíteto paleontológico de Marinha Vila Verde de Ficalho (Serpa)

Dr. Manoel Alves Lima
Antonio M. Braga Soares



1. Fossilizado de uma bivalve (Serpa, Vila Verde de Ficalho). A. - Vista lateral; B. - Vista dorsal; C. - Vista ventral. Escala: 1 cm.

Durante as escavações levadas a cabo no terreno anexo à Igreja de S. Jorge de Vila Verde de Ficalho, concelho de Serpa e distrito de Beja¹, apareceu um cemitério com sepulturas cobertas de argamassa do tipo *opus signinum*, semelhante à das sepulturas do interior da capela paleocristã de Tróia, e que apresentavam vestígios de terem tido, embutidas, cada uma delas, uma placa, de material perecível, identificadora da sepultura; uma, no entanto, tinha gravada uma inscrição funerária paleocristã datada, o que permite atribuir ao cemitério uma cronologia dentro, pelo menos, do século VII; é esta inscrição, guardada na Biblioteca-Museu de Vila Verde de Ficalho, que é agora, aqui, analisada (fig. 2).



¹ Sobre estas escavações, cf. *Informação arqueológica*, Lisboa, 5, 1985, p. 47; *ibid.*, Lisboa, 6, 1986, p. 33, *ibid.*, Lisboa, 7, 1986, p. 19-20 e *Ficheiro Epigráfico*, Coimbra, 1986, n.º 84.

Trata-se de uma placa de mármore branco da região, de grão fino, com as seguintes dimensões: 56 x 36 x ± 4,4 cm. A face epigrafada da placa foi cuidadosamente polida, antes da gravação da inscrição; no reverso, notam-se os vestígios de “fabrico”, deixados pelos instrumentos de trabalho, quando do desbaste da pedra, que originaram uma superfície rugosa e bastante irregular; embora apresente algumas fracturas antigas, e esteja coberta de uma fina camada de calcite, mais espessa, junto da orla de contorno deixada pela argamassa que a mantinha fixa na sepultura; pode considerar-se que se encontra muito bem conservada. Na face epigrafada, o campo epigráfico foi delimitado por um rectângulo, de, aproximadamente, 25 x 34 cm, traçado à mão livre, com um ponteiro, que, aqui e ali, teve dificuldade em vencer a resistência da pedra, dando origem a ondulações, intermitências e diferenças de profundidade do traço. A inscrição foi alinhada à esquerda, embora se tenha também procurado, sempre que possível, não exceder, à direita, o limite da primeira linha. Ainda são, tenuemente, visíveis os vestígios das pautas de orientação de escrita. O texto da inscrição é o seguinte:

(crux) *Mârtinûs*
famûlus Χρ(ε) (στυ))
h vixit annôis
numêro LXIII
h obiit in pace
sub die X k(a)l(en)d(as)
Maértias
h era δCLXIII

As oito linhas por que se distribuiu o texto desta inscrição medem de altura: l. 1, 2, 3 e 5, 2,5 cm; l. 4, 6 e 7, 3 cm; a l. 8, 3,2 cm; os espaços interlineares medem 1,3/1,5 cm.

As letras que são profundamente gravadas, com um corte de perfil em “v”, e que ocupam toda a altura das linhas, à excepção do *o* da l.4 e do *c* da l.8, apresentam sempre as hastes com terminações triangulares. No conjunto, o texto tira partido do efeito do claro/escuro, que este tipo de gravação proporciona, e a correcta disposição das letras, que não ultrapassam nunca as pautas de orientação de escrita, dão-lhe um aspecto disciplinado, apesar dos muitos nexos e duma “caligrafia amaneirada” mas homogênea.

Analiseemos o traçado das letras: os *aa* apresentam a barra horizontal um pouco acima da sua meia altura e as duas terminações superiores triangulares, ligeiramente sobrepostas, sugerem um remate quadrangular; os *bb*, formados a partir de duas linhas perpendiculares, desenham as duas curvas, a superior e a inferior, definindo-as, no interior da letra, por um traço levemente arqueado, que toca a haste vertical, mas sem as separar minimamente uma da outra; o *c* consiste num meio círculo com o diâmetro rigorosamente perpendicular à linha de pauta; os *dd* seguem um esquema de desenho em três momentos, as duas linhas perpendiculares, formando como que os dois catetos de um triângulo rectângulo, unidas por uma hipotenusa encurvada

que fecha um pouco abaixo do início da linha vertical²; os *ee* mostram três barras de igual tamanho, deixando a superior, e a inferior, livres os terminais da haste vertical; o *f*, na l.2, é um *f* de três barras³, em que a barra superior também deixa livre o terminal da haste vertical, mas cortando-a para a esquerda, o que nesta inscrição também acontece com a barra mediana, originando um “botão” quadrangular, a meia altura, do lado esquerdo da haste vertical; os *hh* são formados por dois traços verticais, absolutamente paralelos, ligados ao meio por uma barra de talhe de perfil menos aberto; a abertura angular dos braços do *k* é bastante fechada; os *ll* em ângulo recto, são de esquadria perfeita; os *mm* apresentam as duas hastes maiores francamente oblíquas, enquanto que as duas hastes interiores, muito menores, tocam-se a dois terços da altura da letra, na metade superior; nos *nn*, formalmente muito parecidos com os *hh*, a barra mediana oblíqua liga as hastes verticais a dois terços da sua altura, nestes pontos de encontro, a largura da gravação é, por vezes maior, sugerindo uma ligeiríssima ondulação, pelo afastamento dos bordos exteriores do sulco em duplo bisel da barra; os *oo* são círculos perfeitos, limitados, como as restantes letras pelo espaço compreendido entre as duas linhas de orientação de escrita, à excepção do *o* da l.4, que é 3 mm mais pequeno; os *pp* são formados por uma haste vertical, da qual sai, um pouco acima da sua meia altura, uma linha curva que se enrola sem chegar a tocar de novo a haste vertical; os *rr* são, formal e modularmente, aparentados com os *bb* e mesmo com os *dd*; os *ss* apresentam um traçado particular, em dois momentos, conhecido na epigrafia paleocristã, mas bastante raro na Hispânia⁴; nos *tt* varia a proporção entre o tamanho da haste vertical e o da barra horizontal, que em caso nenhum mostra tendência para ondular, e as terminações desta estão sempre equidistantes do ponto de encontro com aquela; os *uu*, excluídas as barras horizontais e invertida a posição das hastes oblíquas, apresentam exactamente as mesmas características, de desenho e de talhe, dos *aa*.

Os caracteres que representam a numeração têm formas próprias: assim o *L* em nexa com o *X*, l.4 e 8, apresenta a forma < com a haste vertical quase deitada, e a barra horizontal incorporada no *X*⁵; o *C* tem uma forma curva, muito aberta, deitada sobre a linha; o Δ minúsculo corresponde à forma que esta letra costuma ter nas datações das inscrições hispânicas; na l.6, o *X* é visivelmente assimétrico.

² Cf. MALLON, J. — *Paléographie romaine*, Madrid, 1952, p. 25.

³ Cf. NAVASCUÉS, J. M. de — *El concepto de la Epigrafía*, Madrid, 1953, p. 42-44.

⁴ Cf. DUVAL, N.; PRÉVOT, F. — *Recherches archéologiques à Haïdra — I. Les inscriptions chrétiennes*, Rome, 1975, p. 362; esta forma aparece já numa inscrição paleocristã de Roma, datada de 338, cf. GONDI, F. GROSSI — *Trattato di epigrafia cristiana latina e greca del mondo romano occidentale*, Roma, 1920, p. 34. Na Bética, em Zafra, apareceu uma forma muito semelhante num fragmento de uma inscrição funerária datada de 630, cf. HÜBNER, E. — *Inscriptiones Hispaniae christianae*. Berlin, 1871, n.º 358.

⁵ Uma análise superficial deste nexa pode levar à interpretação errónea de que se trata apenas de um *X* com uma barra sobreposta; não se conhece na bibliografia da especialidade nenhum caso semelhante, donde o excluir-se esta hipótese interpretativa.

As letras gregas que formam a abreviatura de $\chi\rho\iota$ ($\epsilon\tau\omicron\upsilon$) (= *Christus*) correspondem ao traçado dos caracteres latinos: *khi*, maiúsculo = X; *rô* = P; *iôta* = I. O *khi* maiúsculo inicial aproxima-se formalmente pela assimetria ao X da l.6.

Todas as letras compostas por elementos curvos, quando, ao partir das hastes verticais arrancam para o traçado destes, fazem-no não imediatamente junto à ponta superior do traço vertical, mas ligeiramente mais abaixo; isto é particularmente visível no *b* da l.5, nos *dd* da l.6, no *r* da l.7, e no *p* da l.5; Algumas letras sem elementos curvos, mas que comportam barras que arrancam de uma haste vertical, também apresentam esta característica como por exemplo o *f* da l.2, e os *ee* das l.4, 5 e 8.

Algumas das hastes verticais das letras desta inscrição, compartilham com as letras vizinhas o remate triangular, sem no entanto formarem nexos com elas; estão neste caso, o *am* de *famulus* na l.2, o *an* de *annos*, na linha 3, o *nu* de *numero* na l.4, o *Ma* e *ia* de *Martias*, na l.5, e o *ra* de *era* na l.6.

Os nexos são vulgares: na l.1 *Mar*; na l.2 *mu*; na l.3 *an*; na l.4, *ume*; na l.5 *np*; na l.6 *ar*; na l.7 *he*; nos numerais temos por duas vezes o nexos *LX*.

Quanto aos sinais de abreviatura, além do traço horizontal sobre a abreviatura *XPI*, somente a palavra *kal(en)d(as)* apresenta dois traços oblíquos, a cortar o *l* e o *d* para indicar a falta das duas sílabas que respectivamente as seguem.

A cruz que abre o texto tem o pé ligeiramente alongado; no fim da l.1, encontramos um sinal de pontuação ⁶.

Aparecem, no início das l.3, 5 e 7 *hb adiectae*, que são formas ortográficas anómalas já conhecidas na Hispânia ⁷, que aparecem, em início de palavra, sempre antes de vogal, neste caso, na l.3, também antes de vogal com valor consonântico.

Parece-nos que as letras que compõem este texto são, quer pelo cuidado do lapicida em respeitar o padrão de cada letra, quer pela uniformidade de estilo, quer, ainda, pela consonância das características particulares de cada letra com todas as outras, mais do que o resultado de um saber desenhar e gravar letras, a expressão de um alfabeto tipo, disciplinadamente reproduzido.

A B C D E E H I K L M N O P R R T V X

Fig. 1 — Reconstituição do monótipo do alfabeto latino usado.

⁶ GONDI — *op. cit.*, n. 4, p. 47 (v. nota 4).

⁷ Cf. HÜBNER — *op. cit.*, n. 4, n.ºs 142, 361 (*huis, hos*), 384 (*hordinem*), 533 (*hamen*) (v. nota 4).

O texto da inscrição apresenta um formulário conhecido na Hispânia: a fórmula *famulus Chri(sti)* está razoavelmente divulgada, e esta versão com a abreviatura em grego, embora mais vulgar na Bética a partir do século V⁸, tem paralelo em Mértola, na inscrição de *Donata*⁹.

A indicação dos anos de vida, fazendo-os anteceder da palavra *numerus*, é também conhecida na Bética¹⁰.

A locução *obiit in pace*, embora mais conhecida na Gália, apareceu já também na Hispânia¹¹.

Martinus é como se sabe um cognome derivado do nome do deus Marte¹² e, talvez por isso, inicialmente tenha sido evitado o seu uso em comunidades de ambiente religioso predominantemente cristão, já que mantinha, pelo radical, o significado teóforo pagão; uma maior frequência de uso deste nome (depois de meados do século IV) parece ligar-se ao facto de mártires e santos o terem usado, viabilizando, por isso, a sua fixação e difusão na onomástica pessoal cristã¹³.

Esta inscrição está datada do dia 20 de Fevereiro do ano de 626¹⁴.

⁸ VIVES, J. — *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, Barcelona, 1969, p. 37.

⁹ VEIGA, S. P. M. Estácio da — *Memória das antiguidades de Mértola*, Lisboa, 1880, p. 98-99; HÜBNER — *op. cit.*, n. 4, n.º 306. (v nota 4).

¹⁰ Cf. VIVES — *op. cit.*, n. 8, p. 53, n.º 174, de Montoro, Córdoba, inscrição funerária datada de 643.

¹¹ Cf. ID. — *Ibid.*, n.ºs 113, 153, 272, 502 e, ainda, RECIO, A. — *Cinco inscripciones de Córdoba y su provincia*. "Corduba archaeologica", Córdoba, 14, 1983-1984, p. 73-76 que rectifica HÜBNER — *op. cit.*, n. 4, n.º 225, *obiit in pace / famulus Dei / Matheus par / vullus*...; genericamente, cf. GONDI — *op. cit.*, n. 4, p. 182 (v. nota 4).

¹² Cf. KAJANTO, I. — *The latin cognomina*. Helsinki, 1965, p. 212.

¹³ Cf. ID. — *Onomastic Studies in the Early Christian Inscriptions of Rome and Carthage*. Helsinki, 1963, p. 87-88. Cf. ainda, v. g., JONES, A. H. M. e outros — *The Prosopography of the Later Roman Empire*, I, Cambridge, 1971, p. 565.

¹⁴ Cf. n. 5; a hipótese excluída indicaria o ano de 576; atribuindo à barra valor duplicativo, teríamos o ano de 586; nesta lógica, que repetimos, não perfilhamos, os anos de vida de *Martinus* seriam respectivamente, ou 14 ou 24, e não 64, como lemos. Curiosa é a coincidência de a idade do defunto corresponder ao valor numérico das dezenas e unidades da datação da Era.



Fig. 2 — A inscrição funerária de *Martinus*.